

OS ANAMBÊ

NOME: Se autodenominam e são reconhecidos como ANAMBÊ os índios que ocupam as margens do rio Cairari em seu curso alto.

Quanto a autodeterminação Turiwara a quem se refere Steward & Farow (1959: 16-30), Malcher (1964: 312) Nimuendajū & Metraux (1948:200), regionais de Mocajuba que conviveram com os índios no começo da década de 40, informam que naquela época, viviam junto aos Anambê 02 índios Turiwara.

Atualmente os índios remanescentes do rio Cairari desconhecem esta denominação e se reconhecem como ANAMBÊ.

LÍNGUA: Loukotha (1939: 164 e mapa; e 1968: 112-113) inclui os Anambê dentre os grupos indígenas de fala Tupi. Nimuendajū (1969:204) informa que os Anambê pertencem ao grupo de fala Tupi, dialeto HE (segundo a classificação de Eherenreich), muito semelhante a língua dos Tembê-Guajajara e dos Turiwara. McQuown e Greenber (apud Tx, 1960: 436), os enquadra dentre os de língua Anambê, sub-família Tupi, família Tupi-Guarani, stock Equatorial do phylum Andino-Equatorial. Rodrigues (1964: 101-102) esclarece que os membros falam o dialeto Anambê, língua Tenetethara, família Tupi-Guarani, do tronco linguístico Tupi.

Atualmente a maioria dos componentes as duas últimas gerações, já não fala a língua Anambê, provavelmente devido a miscigenação e a vergonha de usar a "gíria" conforme o depoimento dos mesmo índios.

LOCALIZAÇÃO: Os índios Anambê estão atualmente localizados na região do alto rio Cairari afluente do rio Moju, que tem seu curso no Município do mesmo nome, no Estado do Pará. Essa região está entre os meridianos 48º e 50º W e 2º e 4º S, em faixa amazônica. O relevo é plano terciário (Guerra, 1956: fig. 2); com clima quente e úmido e estação seca pronunciada (Galvão, 1959: 58). A vegetação é do tipo de floresta tropical latifoliada; com predominância florestal (Dias & Guerra, 1959: 256).

A região é de difícil acesso, pois o rio Moju é navegável até as primeiras cachoeiras e o último sítio habitado é o sítio Mamorama, nas proximidades do igarapé do mesmo nome. Quanto ao Cairari, seu afluente maior do lado esquerdo, este é navegável até o lago Pequeno e, subindo o mesmo, depois desse acidente, somente pequenas embarcações de pequeno calado conseguem penetrá-lo na estação chuvosa. Durante a estação seca a navegação torna-se mais difícil,

pois o curso do mesmo fica obstruído pelo grande número de árvores tombadas ou submersas. O último local habitado é o sítio Pedra (Mapa).

Da cidade de Mocajuba existe um caminho arenoso chamado Magalhães Barata que leva até o rio Cairari na altura do Igarapé Tambaiaçu, no lugar chamado Torão. Daí para a aldeia gasta-se de 3 a 4 horas de barco com motor de 6 CA. Da cidade de Baião seguindo a estrada chamada Bração e em seguida um caminho de madeiros, chega-se na confluência do Igarapé APEÍ com o rio Cairari, no lugar chamado Barrada, logo abaixo do lago pequeno. (cfr. mapa).

SEGUIE O MAPA - 2ª

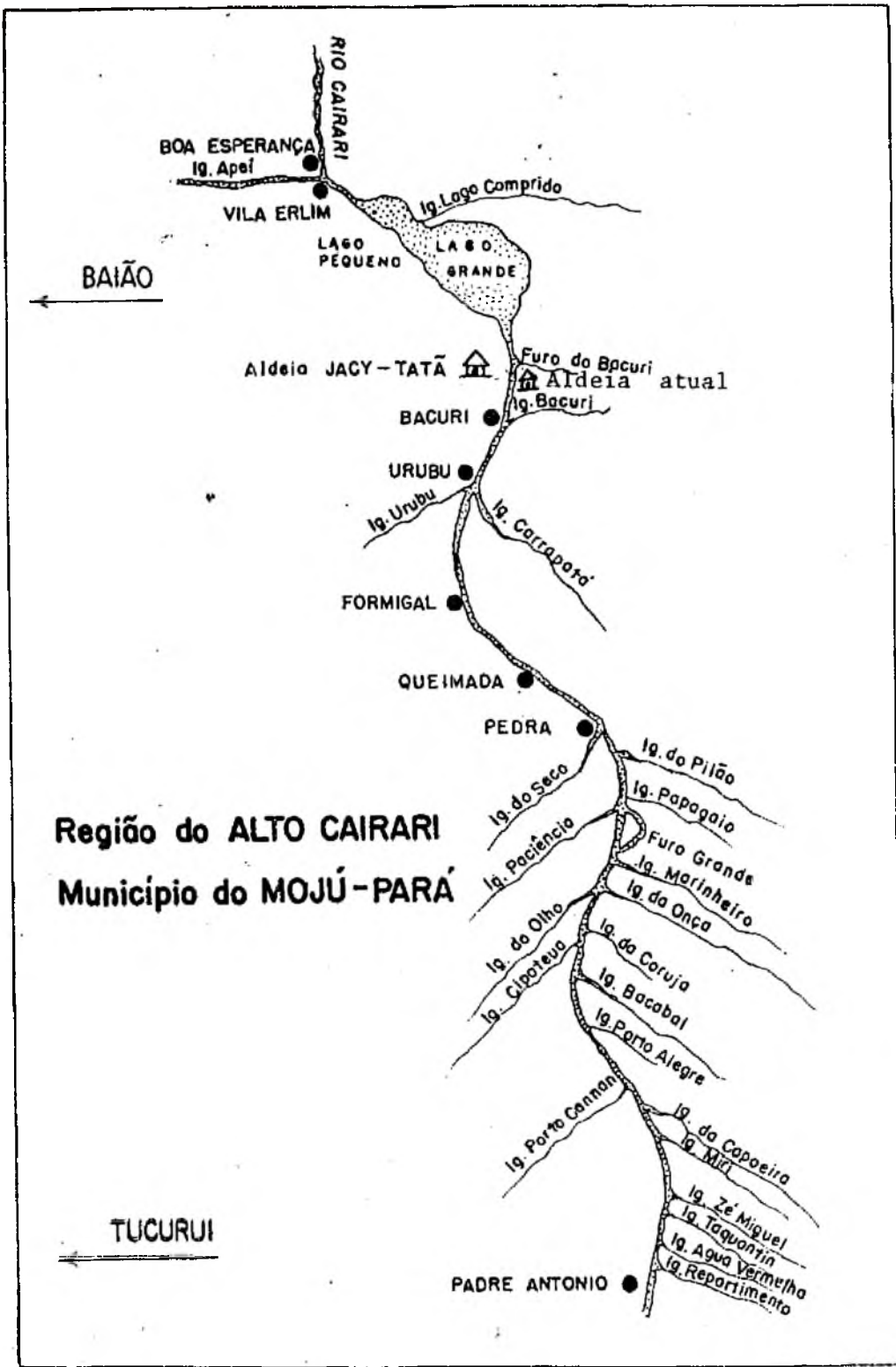
POPULAÇÃO: Os dados referentes à população ANAMBÊ do ponto de vista Histórico serão relatados com detalhes no Histórico do contato. Produzimos aqui um simples gráfico.

ANO	POPULAÇÃO	LUGAR	FONTE
1852-1862	700-800	rio Tocantins e rio Curuhy (Pacajã)	Cunha
1940	60	Lago Grande (Cairari)	Figueredo
1948	32	Cairari	Aranaud-Galvão
1968	19	Cairari	Aranaud-Galvão
1969	22	Cairari	Figueredo
1979	48	Cairari	2 DR

POPULAÇÃO ATUAL (1983)

IDADE	HOMENS	MULHERES	TOTAL
1-5 anos	10	07	17
6-10	06	05	11
11-14	02	02	04
15-19	05	02	07
20-29	04	03	07
30-39	02	04	06
40-49	-	02	02
50-59	01	03	04
+ 60	01	02	03
TOTAL	31	30	61

Mapa: Napoleão Figueiredo  
atualizado por emi  
Norte II

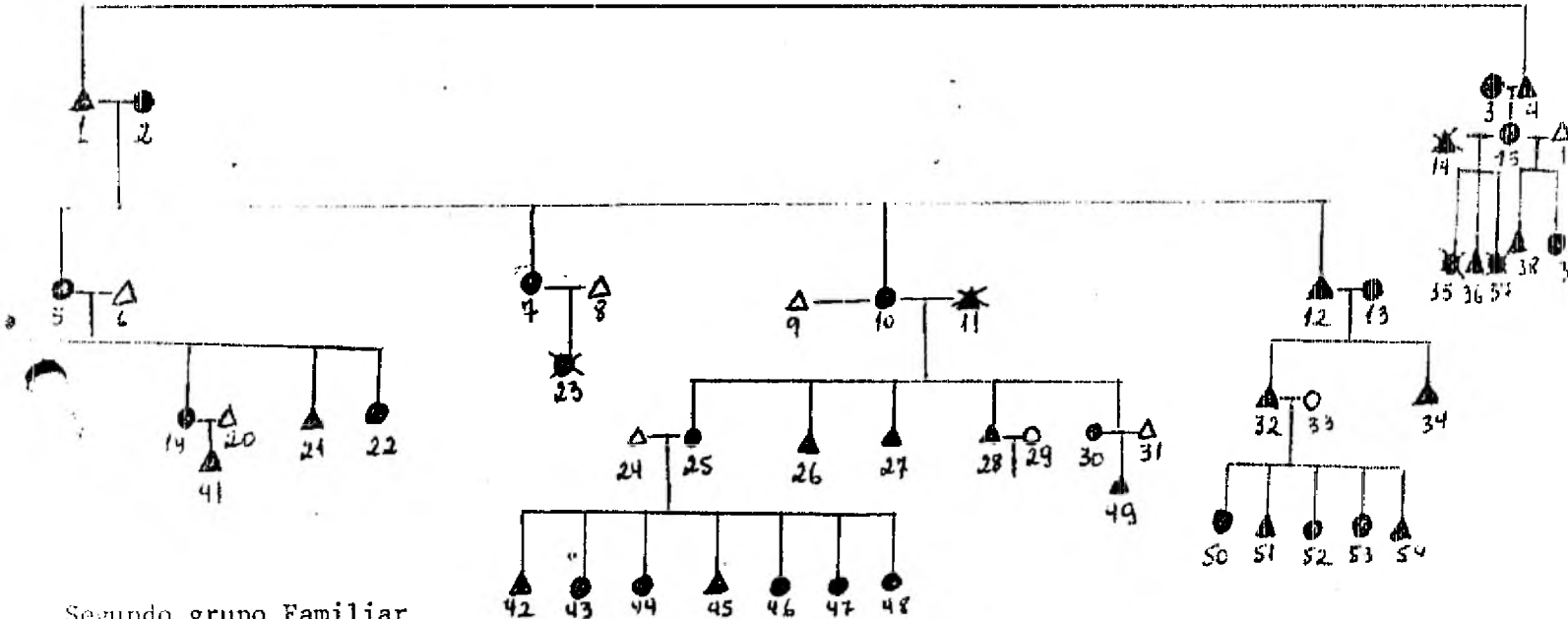


AFINS: Vivem na aldeia 11 homens de fora, casados com índias e 04 mulheres de fora casados com índios.

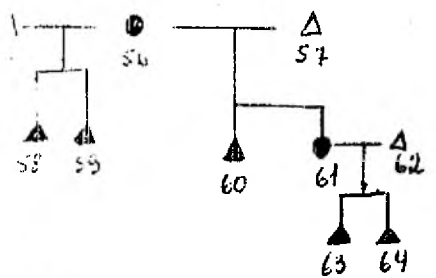
Onze índios estão morando fora da aldeia, 03 em Mocajuba, 01 em Belém, 01 no Alto Rio Guamã e outros na região.

MAPA GENEALÓGICO DA MISCIGENAÇÃO DOS ÍNDIOS ANAMBÊ DO ALTO CAIRARI - Dezembro 1983.

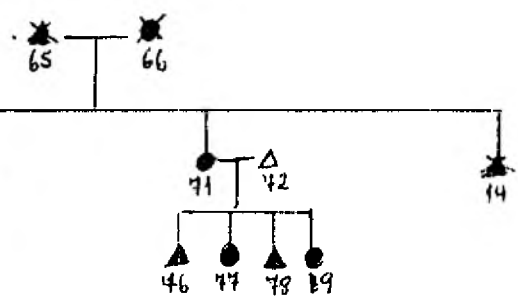
Primeiro grupo Familiar



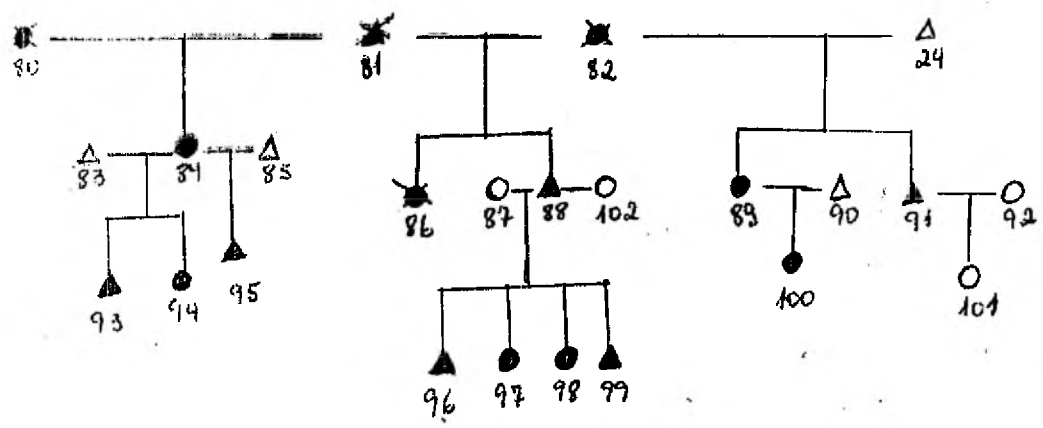
Segundo grupo Familiar



Terceiro grupo Familiar



Quarto grupo Familiar



**LEGENDA**

- ▲ Índio de sexo masculino
- Índia de sexo feminino
- ✱ falecidos
- △ não índios sexo masculino
- não índios sexo feminino

Em dezembro 1983

Primeiro grupo Familiar:

Idade aproximada

1- Aypan	70
2- Kamapu	70
3- Mukã	†
4- Dorica	60
5- Maria José	40
6- Sirika	40
7- Maria das Graças	30
8- Expedito	50
9- Maximino	
10- Maria de Belém	50
11- Kai	†
12- Manoel Lopes	50
13- Merã	50
14- Inácio	†
15- Tapira	30
16- Lico	20
17- Maria Olinda	20
18- Juvino da Silva	20
19- Zebina	20
20- Lambrega	20
21- Vadico	07
22- Juvelina	06
23-	
24- Vavã	
25- Mimi	30
26- João	15
27- José	15
28- Alfredo	20
29- Valdenira	15
30- Rosinete	15
31- Antonio	20
32- Eduardo	30
33- Francisca Pantoja	30
34- Antonio	15
35- Deusarina	†
36- Piroca	15
37- Mané	†
38- Nené	8 meses
39- Chico	04
40- Alexandre	01
41- Nené	01-
42- Pedro	17
43- Aquilina	15
44- Iracema	12
45- Piroca	06
46- Moçona	05
47- Mocinha	03
48- Nené	01-
49- Nené	04 meses
50- Duca	10
51- Adilson	08
52- Maria	07
53- Raimunda	04
54- Eduardo	01

Segundo grupo Familiar

55- Benedito Neres	40
56- Arara	40
57- Desconhecidos (fora)	
58- Bacuri	10
59- Valdomiro	08
60- Mambo	20
61- Teresa	20

Segundo grupo familiar (cont.)

Idade aproximada

62- Holanda Cordas (fora)	
63-	05-
64-	05-

Terceiro grupo familiar

65- Maximino	†
66- Yaya	†
67- Antonio	20
68- Lídia	20
69- Raquel (Belém)	20
70- Miguel (Guamá)	20
71- Maria	30
72- Norico	30
73- Carlinho	05
74- Isaias	05
75- Ilson	05
76-	
77-	10
78-	
79-	

Quarto grupo familiar

80- Mariú	†
81- Manoel Kowê	†
82- Jaboti	†
83- Baiano (deixou a familia)	
84- Conceição (Mocajuba)	30
85- Baixinho (Mocajuba)	50
86- Joana	†
87- Miraita	†
88- Paulo	30
89- Leonor	20
90- Caio	30
91- Ademar	20
92- Joana (deixada do marido)	20
93- Vicente (Mocajuba)	13
94- Conceição (Mocajuba)	11
95- Mauro (Mocajuba)	03
96- Pedro	
97- Losa	
98- Bola	
99- Júlio	
100- Eliete	03
101- Maria Enisa	03
102-	

HISTÓRICO DO CONTATO: Esse grupo segundo Brusque (1862:12) teve seu primeiro contacto com a população neo-brasileira em 1824. Cunha (1853: 18) refere que em 1852, os mesmos apareceram na margem esquerda do rio Tocantins e eram aproximadamente 600 indivíduos. Outro grupo habitava a aldeia do Tauã nas cabeceiras do rio Curuhy, afluente do rio Pacajã, porém seu primeiro contacto foi realizado no rio Caripy, afluente do rio Tocantins, um pouco acima de Alcobaça (hoje Tucuruí). Uma Aldeia de 250 Curupity (?) e Anambê no alto rio Pacajã, manteve guerra com os Curumbu, segundo Brusque (1862: 12) e essa aldeia ficou reduzida a 46 indivíduos, e no ano seguinte havendo 34 deles morrido da varíola, os sobreviventes foram se juntar ao grupo do Tocantins. Notas esparsas de Souza (1873: 222-223) falam dos Anambê do Pacajã Grande. Eherenreich (1895: 163-168) coletou material linguístico dos Anambê em Arapara. Moura (1910: 106), igualmente faz referência dos mesmos em 1896, fotografando dois homens e Buscalioni (1901: 239) em sua excursão botânica ao Tocantins traz ligeiras notas sobre os mesmos.

No mapa mandado organizar pelo Governo do Estado do Pará (Matoso, 1908 mapa) encontramos o registro desse grupo indígena entre os rio Pacajã e Iriynauã. Sttegerda (1959: 89) refere que "the Anambê a Tupi group living in the lower Tocantins River, show an almost skin color". Uma pequena nota vamos encontrar em Metraux (1928: 21), que diz que "ils habitent sur la rive gauche du bas Tocantins audressous du dernier rapide du Rebojo du Guariça et près d'Araparari. Eherenreich les identifie aux Amanajõ ou Manajo de l'ancienne literature que Martius situe cependant diffèremment."

Nimuendajū (1949: 204) indica que a tribo Anambê em 1874 estava totalmente extinta. Não encontramos sobre os mesmos, referência alguma em Ribeiro (1957: quadros I - II) quando estuda a situação dos grupos indígenas brasileiros quanto ao grau de integração à sociedade nacional no período 1900-1950.

Steward & Faron (1959: 16-30) quando estudam os grupos indígenas do Brasil, não fazem referência nenhuma aos Anambê, e o pequeno grupo existente no rio Cairari é classificado como Turiwara. Malcher (1964: 214) nos indica que os Turiwara "é tribo praticamente extinta, cujos remanescentes encontram-se vivendo no rio Acarai juntamente com os Tembê, e no Cairari, afluente do rio Moju, Estado do Pará".

Em 1948, Expediço Arnaud foi designado pela segunda Inspetoria do An-

tigo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) para investigar a situação de um grupo localizado no alto Rio Cairari e conhecido com o nome de Turiwara e que somava 32 indivíduos. Vinte anos mais tarde, esse mesmo grupo, já identificado como Anambê foi visitado por pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi (Arnaud & Galvão, 1969: 1), com o objetivo de reunir alguns dados etnográficos e avaliar a situação de contato desses remanescentes com a sociedade nacional.

Figueredo & Folha (1975) quando estudam "o destino das sociedades tribais na Amazônia Brasileira" fazem referências aos Anambê, localizados na área Tocantins-Xingu (sub-área Oriental de Galvão (1979: 217 -219).

O atual aldeamento Anambê está localizado no rio Cairari, acima do lago Grande, próximo ao igarapé Bacuri, ocupando ambas as margens do Cairari. Até onde vai a memória tribal, as informações colhidas, indicam que o grupo veio para esse rio, das cabeceiras do rio Moju, após luta com os Gavião que os expulsaram daquele território. Desceram o rio Moju, sempre perseguidos pelos Gavião e se encontraram com a população interiorana desse rio nas proximidades do igarapé Água-Clara; cruzaram o divisor de águas entre os rio Moju e Cairari e levantaram aldeia no lugar Sipoteua, nas proximidades do igarapé do mesmo nome. Nessa localização, perto de 40 anos atrás, foram encontrados pelo comerciante Bernadino Inácio dos Santos, que com eles fez contacto, estabelecendo relações de amizade. Ocuparam posteriormente e sucessivamente aldeias que foram construídas na foz do Igarapé do Marinheiro, nas proximidades do lago Grande (Aldeia Velha) e na localização atual.

Quando foram localizados pelo senhor Bernardino, eram cerca de 60 indivíduos; na aldeia velha quando foram visitados por Arnaud (Arnaud & Galvão, 1969: 1) somavam 32 indivíduos e em 1969, eram 20 índios e dois mestiços vivendo na aldeia Yacy-Tatã; 04 índios e 10 mestiços, vivendo fora da aldeia.

A depopulação do grupo ocorreu por epidemias de sarampo que dizimou a população adulta nos aldeamentos anteriores à atual localização. Atualmente assistimos a um aumento considerável da população, devido aos numerosos casamentos com regionais.

Em março de 1982 mais de 30 índios e afins, um total de 12 famílias foram transferidos para a reserva indígena do Alto Rio Guamã, de onde voltaram em dezembro de 1982. Os acontecimentos relativos a esta transferência

Aldeia  
35 famílias  
para Bacuri  
em dezembro  
de 1982  
?



foram detalhados no capítulo 'Tutela e Assistência'.

**MODO DE VIDA:** Os Anambê foram estudados por Arnaud e Galvão em 1948 e 1969 (Arnaud - Galvão 1969) e por Napoleão Figueredo & Anaiza Vergolino e Silva em 1968 e 1969 (Figueredo & Vergolino e Silva 1968, 1969, 1972) quando o grupo já tinha perdido muitos dos traços originais devido ao contato com os regionais.

Atualmente o processo de miscigenação entre os poucos sobreviventes se acentuou, devido a proximidade do parentesco, e trouxe inevitáveis modificações na vida dos Anambê.

O gráfico que reproduzimos no capítulo "População" mostra o histórico de miscigenação entre os Anambê nas últimas 04 gerações. É essencial para uma compreensão da situação atual deste pequeno grupo.

**ALDEIA:** A aldeia está situada próxima a beira do rio, aproveitando as margens altas. As habitações são dispostas sem plano determinado. Por enquanto se compõe de 04 casas, mais uma outra afastada uns 200 metros e outra em construção.

Depois da volta do Guamã a maioria das famílias ainda não construiu a casa na nova aldeia. Devido a falta do mandiocal próprio, preferem se apoiar em famílias próximas da aldeia, até a nova roça amadurecer. Porém, segundo os índios a situação é provisória; é desejo de todos reunir-se numa aldeia única, já projetada. As habitações são retangulares com cobertura de duas águas de palha de inajã, totalmente abertas ou com parede de palha. O assoalho, antigamente feito com casca de envira, atualmente é de finos paus roliços chamados regionalmente "barrote". A cozinha é construída no limite da casa, diretamente no chão coberto com uma puxada suplementar do teto em linha reta descendente. É constituída de um fogão de barro, um depósito para lenha e carvão e um jirau para lavar e guardar panelas, pratos, talheres e copos.

Uma casa recém construída se diferencia das outras por ter uma sala aberta com assoalho de tábua, um quarto fechado com palha de inajã e cobertura com cavacos de jaranã. Os índios querem seguir este modelo na construção da nova aldeia. Para dormir usam redes do tipo cearense. Nas casas moram famílias nucleares. Os casamentos se realizam na forma mais simples: o casal se junta e quanto antes constroem a sua moradia.

Geralmente seja o homem, que a mulher "de fora", passam a morar na aldeia. Duas índias casaram com regionais vivem relativamente afastadas da aldeia, não quebrando porém completamente os laços com o grupo.

CHEFIA: Não existe uma chefia real entre os Anambê. O chefe nominal é um índio, mas, mais por indicação externa (2DR) do que por exercer uma efetiva liderança. Na época da transferência o então delegadô designou um dos índios que representasse o grupo. Atualmente esta liderança foi contestada pelo grupo pelo fato da mesma não tomar posição firme quanto aos invasores da área.

Nos pareceu que a liderança de fato, é delegada a elementos casados com índios, por serem mais espertos no relacionamento com os regionais e com a FUNAI.

Os Anambê perderam a maioria dos elementos culturais externos. Salvo cestos para condução de cargas, abanos, peneiras de trançado em espiral, fusos, pilões, zagaias, arcos e flechas, todo o equipamento ergológico utilizado é do tipo regional.

Se a influência dos membros alienígenas é grande sobre a vida da aldeia, é verdade também o contrário.

Os índios Anambê parecem ter a capacidade de indigenizar os recém-chegados, passando os mesmo a raciocinar e agir em termo de aldeia, como iremos ver nos capítulos que tratam de "Subsistência" e " Situação das Terras".

RELIGIÃO: A figura do Pajé e o Xamanismo tribal desapareceram. Só o velho Aypan conhece ainda as cantigas de festa. Ele, já quase cego e sempre acompanhado de sua esposa Kamapu, canta com frequência as velhas cantigas na solidão de sua habitação.

Os índios informaram que nos anos 40 foram levados até Belém onde foram batizados, sendo o governador Barata padrinho de todos eles. No começo dos anos 60 os índios baixaram o Cairari até a casa do Quintino ao encontro do Pe. Pedro Hermans então vigário de Mocajuba, e mandaram batizar os mais novos. Daí por diante o encontro com o padre só se dava na vinda dos índios até Mocajuba, onde em ocasião da festa da padroeira, mandavam batizar os filhos. Um pastor protestante que a tempo tentou convertê-los, não alcançou êxito.

SUBSISTÊNCIA: Todas as atividades dos Anambê estão ligadas à mata e aos campos. Exímios caçadores, costumam tirar desta atividade o sustento que junto aos produtos de roça, constitui a alimentação básica deste grupo.

Os homens costumam caçar em grupo, servindo-se de espingarda. A mata e os campos são ricos de caetetú, cõtia, paca, veado, macaco, anta, coati, onça, camaleão, mocura, diversas espécies de pássaros (mutum, cajubim etc.) Os jabuti também são abundante e até mulheres e crianças os pegam. Na volta a caça é distribuída entre todas as famílias. O rio fornece tracajá e peixe, mas, no inverno <sup>porém</sup> em pouca quantidade. Para <sup>a</sup> pesca, usam linha com anzol, mas também arco e flecha. Anos atrás o Iago, no limite da reserva fornecia bastante peixe. Agora quase desapareceu. Os índios atribuem este fato ao costume de alguns civilizados de "bater água" isto é fazer uso de timbõ na época da seca, nos igarapê e ao uso de malhadeiras.

A mata fornece também bacuri, piquiã, xĩ, anajã, açaf, bacaba, buriti. Da mata os índios tiram a madeira e as palmeiras de inajã para casa e também fabricam dos troncos pequenas canoas tipo ubã impelidas a remo. A madeira lei mais abundante é: acapu, massaraduba, itaíba, angelin, frejõ, cedro, tangerim rajado.

O roçado é realizado coletivamente (derruba e plantio), sendo que cada família fica com uma parte, as vezes no mesmo lugar dos parentes, e mais frequentemente separados. Plantam mandioca, arroz, milho, gerimum, banana, macaxeira, feijão, cana, mamão, abacaxi. Separadamente são cultivadas folhas de tabaco.

No feitiço da farinha usam tipiti que compram dos regionais, mas também a prensa e o forno de metal. Tiram mel de abelha.

O excedente da roça e as vezes <sup>43</sup>peles, servem para adquirir, dos regatões que sobem o rio Cairari: café, açúcar, cartucho, pólvora, espoleta, querosene, fósforo, cachaça, pilha para uma eletrola de uso da aldeia, roupa feita e fazenda.

Atualmente não comercializam mais leite de massaranduba, óleo de copaíba, como nas décadas de 40 e 50. Não gostam mais de vender madeira para as serrarias limítrofes, tendo sido enganados e roubados anos a fio.

Ultimamente depois da volta do Guamã conseguiram que a serraria administrada por Santino fosse retirada da área, mais pela boa vontade do dono

"Japones" que reconheceu o direito dos índios e o roubo da madeira por parte de seu sócio e administrador.

Estão pelejando para que também outro madeireiro o sr. Luis Bandorra se retire do limite sul da reserva, acima do lago comprido, que os índios reclamam como sua propriedade.

SITUAÇÃO DAS TERRAS: Os Anambê do Cairari foram ignorados antes pelo S.P.I. e posteriormente pela FUNAI.

A Terra Anambê tem sido sistematicamente invadida em decorrência da economia extrativista (latex de massaranduba, óleo de copaíba, peles, carnes de caça e resina de Jutaica), da região

Atualmente permanece a tentativa de madeireiros para retirar tora da área indígena. Os índios porém, depois de presenciarem a situação triste das reservas indígenas. Também, estão mais atentos e decididos em retirar os invasores da área que os Anambê ocupam pelo menos desde os meados do século passado. Inquiridos se tinha noção clara dos limites da terra indígena desenharam um mapa, que aqui reproduzimos.

(SEGRE O MAPA (1))

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DO MAPA: A área pretendida pelos Anambê é muito aquém da terra tradicional ocupada por este grupo. A terra que eles pretendem visa somente a sobrevivência do grupo <sup>compreende:</sup> um curto trecho do rio Cairari do Igarapê Carrapatã até o lago Comprido na confluência do Igarapê com o mesmo nome. Os dois lados do rio, da margem esquerda até o pico do sr. Alfredo da Costa, isto é cerca de 3 Km de fundo; no lado direito querem incluídos os 3 campos, além da mata, que são essenciais para o sustento, por ser ricos de caça e jaboti. É o mínimo indispensável para sobrevivência de um grupo que já beirou a extinção.

Durante a permanência dos Anambê no Alto Rio Guamã dois madeireiros aproveitaram a ausência dos índios para incrementar a exploração sistemática da reserva florestal dos índios, abrindo novos caminhos e retirando grande quantidade de madeira de lei.

Recentemente iniciaram pressão sobre os madeireiros para que pusessem fim à retirada de madeira de suas terras, tendo em parte conseguido por meios pacíficos, com um deles. Contam também continuar o contato com a FUNAI a fim de que seja oficialmente reconhecida e demarcada a reserva indígena ANAMBÊ.

Camplido

Carapata

Campo Cerada

Campo

Campo do mato

Campo

Campo

Aldeia Indígena

R. Cairari

rio

rio

Barragem, pico do Alpendo da Costa

Com certeza é urgente a tomada de medidas em favor da demarcação da terra ANAMBÊ devido ao avanço de fazendas, madeireiros e serrarias que estão ocupando progressivamente esta região.

TUTELA E ASSISTÊNCIA: Tanto na questão da terra, como na assistência sanitária e escolar, os índios do Cairari, são totalmente ignorados pela FUNAI. Programa de Educação escolar nunca esteve presente. Em caso de doenças eles procuram uma saída nos remédios do mato. Nos casos mais graves o doente é levado até Mocajuba onde encontram hospedagem na casa do Sr. João Simão N. Leite. Ele vem dando assistência e encaminhamento no hospital na base da boa vontade, desde 1958.

Este senhor já esteve em Belém na 2DR pedindo recursos e assistência por parte da FUNAI e recebeu duas caixinhas de remédios para os índios.

Quando os Anambê conseguem chegar com meios próprios até a casa do Índio em Icoaraci, próximo a Belém, são recebidos e tratados e posteriormente encaminhados de volta para aldeia.

No começo de 1982 o sr. João Simão Nascimento Leite de que falamos, foi até Belém acompanhado do velho Índio Aypan e Paulo, na tentativa de pedir mais uma vez assistência por parte da 2DR da FUNAI. O então Delegado propôs a transferência do grupo para a reserva indígena do Alto Rio Guamã, como forma dos índios serem assistidos. O então chefe de posto P.I. Guamã foi até o rio Cairari e conversou com os índios preparando a transferência. O sr. Expedito Ferreira, um maranhense casado com a filha de Aypan e pessoa influente na comunidade, foi levado até a reserva Tembê para conhecer a área.

Doze famílias abandonaram roça, casa, venderam o pouco que tinham e aceitaram a transferência. Chegando no posto indígena localizado na primeira e mais numerosa aldeia Tembê, foram bem recebidos pelos índios.

Desde o começo, porém não se acostumaram a um modo de vida diferente. A mata Guamã já não ofereceu a riqueza da caça costumeira da região do rio Cairari. As roças feitas, prometidas pela FUNAI não foram entregue. Depois da permanência de mais de um mês, amontoadas na enfermaria do posto se estabeleceram num trecho da reserva Tembê situado um pouco abaixo da aldeia Frásqueira.

Aqui contam que passaram fome e necessidade e sentiram saudade de sua terra. Até os índios Tembê começaram a pressioná-los para que adotassem o estilo de vida da região que <sup>continua</sup> tirava o sustento e excedente unicamente do traba

lho na roça.

Os Anambê nunca chegaram a plantar a roça, decididos a voltar para sua terra. A situação se agravou, quando num atrito entre os Índios e posseiros dois destes foram mortos com a participação de dois indivíduos do grupo Anambê.

Depois de muita insistência, receberam o apoio da FUNAI em dezembro de 1982 e voltaram para a sua terra.

Aqui estão organizando-se para reconstruir uma única aldeia, reconquistar o direito a ser povo e ocupar definitivamente a terra que os antigos <sup>deles</sup> deixaram em herança.

ENTREVISTA COM O SR. SALOMÃO SANTOS, DELEGADO DA 2ª DR EM BELÉM/PA

Sr. Delegado, quais são as perspectivas da FUNAI em relação aos Índios Anambê do Cairari e suas terras?

A nossa preocupação não sô com os Anambê mas com outros que há muitos anos não vem tendo uma assistência por parte da FUNAI, é conhecer mais de perto os problemas deles, principalmente em relação a TERRA, porque a sobrevivência desses grupos vem sendo mantida por eles mesmos.

Os Anambê até pouco tempo eram desconhecidos da FUNAI. Minha preocupação é regularizar a situação de suas terras; demarcar uma pequena área, registrar no Serviço do Patrimônio da União, garantir a posse de suas terras. dar essa assistência, esse amparo de imediato e depois nós poderemos pensar em outra forma de ajuda. No momento o que eles nos pedem é a regularização de suas terras e nós vamos lutar, batalhar para conseguir-mos. Era plano nosso, ainda este ano, fazer esse levantamento da área pleiteada pelos Índios, mas infelizmente por falta de recursos não foi possível levar avante essa iniciativa. Como se trata de uma área relativamente pequena é mais fácil pra nós conduzir este tipo de trabalho. Já entramos em contato com o IBRA <sup>que</sup> inclusive já está disposto a ceder técnico, topógrafo para determinar essa área e também sua demarcação.

Vamos contar com o apoio do IBRA ou do ITERPA e esperamos que no início do ano até o final do 1º semestre de '84, nós tenhamos resolvido o problema da terra dessa comunidade. Pelo menos delimitar, uma vez que eles já vem sobrevivendo por si mesmo.

A 2 DR está prevendo a criação de um Posto Indígena entre os Anambê?

No momento não estamos com a idéia de criar um novo posto na área Anambê, não só por falta de pessoal, mas também não sabemos as aspirações, as pretensões desse grupo. São após o levantamento, que vamos fazer com o nosso técnico de topografia, com antropólogo da 2 DR, que iremos conhecer as suas aspirações, daí, nós vamos propor a partir desses estudos, algum plano, alguma assistência.

- Sr. Delegado, da 2 DR, na terra pretendida pelos Anambê, existem madeireiros invasores. A 2DR prevê uma ação legal para removê-los, só depois da demarcação da área?

Não, isso é um trabalho que podemos fazer de imediato. Após conhecer o problema de perto, não vamos aguardar a delimitação da terra, porque pode demorar muito.

Para evitar conflito ou tensão social podemos entrar em contato com esses madeireiros e conscientizá-los a se retirar da área.

- Os Anambê recebem assistência na casa do índio de Icoaraci; o que falta é uma assistência no setor saúde na aldeia e na cidade de Mocajuba. Como a 2DR pretende resolver este problema?

Após essa visita que nós pretendemos fazer com nossos técnicos na área, vamos estudar se realmente é necessário e se mantermos um atendente de enfermagem. É possível que nós possamos criar esse cargo lá para dar apoio na parte de assistência médica e os casos mais graves serão remanejados para Belém, onde eles continuarão ter essa mesma assistência, que tem quando eles nos procuram aqui.

- A 2 DR está se preocupando com o grupo de remanescentes Anambê, perto de Tomé-Açu?

Já fizemos contato preliminar com esse grupo e eles já disseram a área que querem e vamos talvez encaixá-los no artigo da Lei 6.001 - 33 que trata do direito dos índios remanescentes.

Fizemos contato com INCRA que se dispõe a regularizar a situação deles, também nesta área.



BIBLIOGRAFIA CITADA

ANAIIS DA BIBLIOTECA E ARQUIVO PÚBLICO DO PARÁ

1913 - Correspondência dos Governadores com a Metrôpole. Segunda Série 1759-1761, IN Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará. Tomo VIII. Instituto Lauro Sodré. Belém

ARNAUD, EXPEDITO & GALVÃO, EDUARDO

1969 - Notícias sobre os Índios Anambé (Rio Cairari, Pará). Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Nova Série. Antropologia. Nº 42. Belém

BRUSQUE, FRANCISCO CARLOS DE ARAUJO

1862 - Relatório apresentado à Assembléia Legislativa da Província do Pará na primeira sessão da XIII legislatura em 19 de setembro de 1862. Pará

BUSCALIONI, LUIGI

1901 - Una escursione botanica nell'Amazzonia, IN Bolletino della Società Geográfica Italiana. Série IV. Vol. 29. Ano XXXV. Vol. XXXVIII. Roma

CUNHA, JOSÉ JOAQUIM DA

1853 - Falla dirigida à Assembléia Legislativa Provincial, no dia 15 de agosto de 1853. Pará

DIAS, CATARINA VERGOLINO & GUERRA, ANTONIO TEIXEIRA

1959 - Indústria Extrativa Vegetal, IN Geografia do Brasil: Grande Região Norte. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro

EHERENREICH, PAUL

1895 - Materialien zur Sprachenkunde: IV Vocabulare der Guajajara und Anambé (Pará), IN Zeitschrift für Ethnologie, XXVI. Berlin

FIGUEIREDO, NAPOLEÃO

1977 - Amazonia : Tempo & Gente. Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura Municipal de Belém. Belém

1983 - Os Anambé, IN Cultura Indígena. Textos e Catálogo. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém

FIGUEIREDO, NAPOLEÃO & FOLHA, MARIA HELENA DE AMORIM

1975 - Il Destino delle Società Tribale nell'Amazzonia Brasiliana, IN Terra Ameriga. Ns. 33-36. Associazione Italiana Studi Americanistici, Genova

FIGUEIREDO, NAPOLEÃO & VERGOLINO E SILVA, ANAÍZA

1968 - Projeto Cairari, Diário de Campo. Universidade Federal do Pará, Mns. Belém

1969 - Projeto Cairari. Diário de Campo. Universidade Federal do Pará. Mns. Belém

1969 A - Projeto Cairari. Fototeca. Universidade Federal do Pará. Belém

1972 - Festas de Santos & Encantados. Academia Paraense de Letras. Belém

GALVÃO, EDUARDO

1979 - Encontro de Sociedades : Índios e Brancos no Brasil. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro

GALVÃO, MARILIA VELLOSO

1959 - Clima da Amazônia, IN Geografia do Brasil : Grande Região Norte. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro

GUERRA, ANTONIO TEIXEIRA

1959 - Estrutura Geológica : Relevo e Litoral, IN Geografia do Brasil : Grande Região Norte. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro

KÜHLMANN, EDGAR

1959 - Tipo de Vegetação, IN Geografia do Brasil : Grande Região Norte. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro

LEITE, SERAFIM

1943 - História da Companhia de Jesus no Brasil. Vol. III. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro

LOUKOTKA, CHESTMIR

1939 - Línguas Indígenas do Brasil, IN Revista do Arquivo Municipal. Vol. LIV. São Paulo

1968 - Classification of South American Indians Languages. Latin American Center. University of California. Los Angeles

MALCHER, JOSÉ MARIA DA GAMA

1964 - Índios. Graus de Integração na Sociedade Nacional. Grupo Linguístico. Localização. Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Nova Série. Publicação Nº 1. Rio de Janeiro

MATTOSO, ERNESTO, Org.

1908 - Album do Estado do Pará em 1908. Administração do Dr. Augusto Montenegro (1901-1909). Impremerie Chaponet. Paris

METRAUX, ALFRED

1928 - La civilization matérielles des Tribus Tupi-Guarani. Librairie Orientaliste Paul Geuthner. Paris

MOURA, IGNACIO BAPTISTA DE

1910 - Sur le progrès de l'Amazonie et sur ses Indiens, IN Internationalen Amerikanisten Krongress. 16. Wien, 1908. Verhandlungen des XVI Internationalen Amerikanisten Kongress. Wien 9 bis 14 September 1908. Wien. A. Hartleben. Leipzig

MUNIZ, JOÃO DE PALMA

1916 - Delimitação Municipal do Estado do Grão Pará, IN Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará. Vol. 9. Instituto Lauro Sodré. Belém

NIMUENDAJU, CURT

1948 - Little Known Tribes of the Lower Tocantins River Region, IN Handbook of South American Indians. Vol. 3. Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology. Bul. 143. Washington

NIMUENDAJU, CURT & METRAUX, ALFRED

1948 - The Amanayé, IN Handbook of South American Indians. Vol. 3. Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology. Bul. 143. Washington

RIBEIRO, DARCY

1957 - Culturas e Línguas Indígenas do Brasil, IN Educação e Ciências Sociais. Vol. II, Nº 6. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro

RODRIGUES, ARYON DAEL'IGNA

1964 - A classificação do Tronco Linguístico Tupi, IN Revista de Antropologia. Vol. XII. São Paulo

STEWART, JULIAN & FARON, LOUIS C.

1959 - Native People of South America. McGraw Hill Book Company, Inc. New York

STEGGERDA, MORRIS

1959 - The pigmentation and hair of South American Indians, IN Handbook of South American Indians. Vol. 6. Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology. Bul. 143. Washington

SOUZA, FRANCISCO BERNARDINO DE

1873 - Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas. Pará

TAX, SOL

1960 - Aboriginal Languages of Latin America, IN Current Anthrology. Vol. 1. Ns. 5-6. Chicago